

A máquina de guerra de Deleuze e Guattari e a resistência punk no Brasil dos anos 80: “faça você mesmo”

Deleuze and Guattari's war machine and the punk resistance in Brazil in the 80's: “do it yourself”

GUSTAVO HENRIQUE MARTINS¹

Resumo: Texto apresentado à banca avaliadora Prof.^a Dr.^a Ester Maria Dreher Heuser, Dr.^o Evânio Guerrezi e Dr.^o Roberto Correa Szienza como pré-requisito para graduação em Filosofia Licenciatura, no ano de 2019, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ester Maria Dreher Heuser. Este texto-apresentação explora os principais elementos do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que opera simultaneamente os conceitos de máquina de guerra e menor, na filosofia de Deleuze e Guattari, e a história do movimento punk, sobretudo no Brasil.

Palavras-chave: Punk rock. Máquina de guerra. Menor.

Abstract: Text presented to the examination board composed of Teacher Ester Maria Dreher Heuser, Doctor Evânio Guerrezi and Doctor Roberto Correa Szienza as prerequisite in Lincentiate Philosophy graduation, in the year of 2019, under orientation of Teacher Ester Maria Dreher Heuser. This presentation text explores the main elements of a Capstone Course which operates simultaneously the concepts of War Machine and Minor, in the philosophy of Deleuze and Guattari, and the history of the punk movement, specially on Brazil.

Keywords: Punk Rock. War machine. Minor.

Apresentação

Este trabalho, que busca aproximar punk rock e filosofia, é parte importante da minha formação, não só acadêmica, mas como sujeito crítico. Entendo que o punk traçou muitos afetos guerreiros na construção da minha personalidade; violentando minha compreensão do mundo, ele me arrastou para fora, forçando o pensamento a pensar o impensável, o inadmissível, o impossível, mesmo nas condições em que estava inserido, com os valores e os deveres morais que eram projetados sobre mim; reconheço que sem o punk rock, não haveria possibilidade alguma de me juntar à filosofia. A violência que a música, a estética e o comportamento punk causaram (e ainda causam) em mim foi sem precedentes.

¹ Egresso do Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: martins2017.gustavo@gmail.com.

Me encontrei: queria muito mais do que estava estipulado, do que estava programado, muito além do que Eles (o sistema) nos oferecem.

Aqui na UNIOESTE, encontrei em Deleuze e Guattari a possibilidade de trabalhar com aquilo que atravessa a minha vida desde a mocidade, antes mesmo de cogitar a graduação em filosofia. A ideia de que haverá sempre o que desvia do padrão, aquilo que escapa da lógica capitalista, que traça novos caminhos, conquista seu espaço, sem ponto de chegada ou ponto de partida, se (re)inventa constantemente para afirmar a sua exterioridade, etc., me pareceu instigante. É a máquina de guerra, e pensei, claro, nas semelhanças desta com o movimento punk no Brasil. A hipótese estava lançada como questão: O punk rock é máquina de guerra? O “Sim” para orientação, e o “te puxa e não te abandona” (confiante) da orientadora, marcava o início de uma longa jornada em meio à solidão povoada deste estudante de filosofia.

As leituras, as músicas, os vídeos, as lembranças das baladas punks na Sombra de Dois Vizinhos... Tudo é material, toda desarmonia na mais bela contradição possível. Mas, mesmo as contradições são dignas de notas, e eis a primeira preocupação para a abertura deste trabalho: uma nota, uma advertência: enlaçar punk rock, máquina de guerra e a noção de menor em Gilles Deleuze, para não deixar entrar qualquer discurso contra as minorias. São tempos difíceis que mesmo em meio ao punk/underground é preciso estar constantemente em alerta, afirmando nossa posição junto às minorias, encontrando nosso próprio ponto de subdesenvolvimento, nosso terceiro mundo; porque o punk é consciência, e as minorias não se curvam às majorias ou simplesmente desaparecem: existimos, resistimos.

Para dar início, de fato, à apresentação, devo dizer que este trabalho se abre sob três perspectivas: o conceito de máquina de guerra para tratar do fazer artístico do punk rock, que compõe um todo (estética, comportamento, filosofia, música); o conceito de menor para tratar da linguagem e dos sujeitos que aparecem ao longo deste trabalho (todos repugnantes, desprezíveis – e não foi uma única vez que afirmamos isto) e o punk rock em perspectiva, iniciando, pois, com seus elementos genéticos internacionais (como as primeiras bandas, os primeiros punks), mas buscando lidar intensamente na história do movimento

punk Brasileiro a partir do documentário “Botinada: a origem do punk no Brasil (2006)”.

Num primeiro momento, o conceito máquina de guerra. O que tiramos do 12º platô “1227: Tratado da nomadologia: a máquina de guerra” (2012), foram quatro elementos importantes para pensarmos o movimento punk como máquina de guerra: a exterioridade, o espaço, as armas, e as metamorfoses. Para tanto, trabalhamos com as quatro primeiras proposições do tratado, nas quais a dupla francesa, através da análise de várias áreas do conhecimento, confirma o primeiro axioma (a máquina de guerra é exterior ao aparelho de Estado), e encontram nos jogos, na etnologia, na epistemologia e na noologia a existência de configurações guerreiras (ou nômades), que escapam da lógica do padrão e traçam seus próprios rumos, sem referências ou métodos apropriados.

Não muito além, lidamos também com a noção de armas (proposição VII) e de espaço (proposição V) que aparecem no segundo axioma do tratado, no qual a dupla francesa busca na figura de Gengis Khan e do povo mongol a invenção da máquina de guerra. Com estes conceitos apresentados, há então uma questão que propomos para dar continuidade ao nosso trabalho: encontrar configurações nômades que atravessam o movimento punk, lidar nelas e, por fim, arrastá-las para os nossos dias. Não só afirmar a nossa hipótese com o punk nos anos 80, mas perguntar “qual o legado punk que chega até mesmo nos dias de hoje?”.

Para encontrar tais configurações no Brasil dos anos 80, precisaríamos, antes, ir ao encontro dos primeiros punks, das primeiras bandas, das primeiras canções e vestes, e traçar com eles o conceito de menor, a noção de minoria, a real subversão do rock n’ roll. Com isto, nos encontramos com a profunda desilusão dos jovens periféricos, a marginalização dos operários, a descrença em um futuro qualquer que levou esses garotos do subúrbio (revoltados, cheios de ódio) até os instrumentos do rock n’ roll; não poderiam, claro, fazer música como ela era. Era preciso mais energia, mais velocidade, autenticidade, sem nenhuma referência possível; era preciso simplesmente deixar a coisa fluir: não há comportamento adequado, roupas adequadas, um jeito certo de tocar. Do it yourself!

75 Patti Smith (com a poesia), 76 os Ramones (com a simplicidade), 77 os Pistols (com a sátira ácida), 78 Dead Kennedys (a política), 79 The Exploited (o moicano): o punk rock caía na moda, retornava às sarjetas, cada dia mais sujo e agressivo, reafirmava sua exterioridade, inventava suas armas: se metamorfoseava! Havia punks no mundo todo, em todos os lugares. Nas terras tropicais: MPB? Discoteca? Quem sabe uma banda aqui, outra banda ali. A salvação: fitas K-7. O pouco que tinham precisava ser compartilhado; e nem conheciam isto como punk rock: eles só queriam agitar, só queriam tocar... Era rock de subúrbio, era rock e nada mais.

Ramones, Sex Pistols, “a revista Pop apresenta o punk rock”... A informação aos poucos entrava na terra do carnaval; a ditadura censurava boa parte do material e o resto chegava pela metade, informação distorcida. Mas não era exatamente disso que precisavam. Sabiam que o punk rock já corria nas veias, mesmo que não o chamassem assim – e pouco importa como chamavam. Era a máquina de guerra começando a inventar suas trilhas nômade: não precisavam copiar o punk inglês ou o punk americano, traçavam seus próprios afetos guerreiros, forjavam suas próprias armas, criavam seu próprio espaço.

As primeiras bandas não se espelhavam nos problemas dos punks mundo-à-fora, mas reagiam aos problemas nos quais estes sujeitos estavam inseridos: contra a ditadura, contra a polícia, contra a política, contra eles mesmos. Ou seja, no início não existia um “movimento punk”; o clima era mesmo de autodestruição, a coisa surgiu assim com as gangues. A violência, a desinformação, o ódio entre os punks de bairros diferentes. Em meio a tudo isso, o punk rock foi se inventando e, com o tempo, encontrando propostas comuns, ideais comuns, ressonâncias entre as gangues que tanto se odiavam.

Uma possível união criaria um espaço ainda maior. Gravar, fazer shows, divulgar os materiais que faziam. A união parecia se encaminhar, e as minorias caminhavam juntas: os estudantes, os operários, os sindicalistas, os metalúrgicos. Era O começo do fim do mundo. Unir as grandes facções punks, unir as tribos, gravar um disco da união. Superar as diferenças, acabar com as matanças entre os iguais, encontrar uma proposta comum para caminhar juntos. Para onde? Ninguém sabia. Não há mesmo ponto de chegada ou ponto de partida. O que

A máquina de guerra de Deleuze e Guattari e a resistência punk no Brasil dos anos 80: “faça você mesmo”

houve, de fato, foi a conquista de um espaço nunca imaginado, aberto até mesmo para os dias de hoje, e este todo compõe as aproximações que busco com o conceito máquina de guerra.

Máquina de guerra, movimento punk no Brasil: ambos os planos encontram meios de resistir ao aparelho de Estado, fazendo do nomadismo uma forma de afirmar a vida em meio ao sedentarismo capitalista, forjando suas armas, criando seu próprio espaço, encontrando sua exterioridade. Quando vencida pelo Estado, a máquina de guerra se lança à vida como devir e reencontra sua exterioridade, conquista-o novamente. É o punk inventando o hardcore, são os punks nas trilhas do underground.

Enfim, insisto que o punk resiste, pois ainda cria, ainda traça na estética e no comportamento suas características efêmeras, impensáveis, se opondo sempre à lógica capitalista, escapando, devindo, compondo novas canções, sátiras e músicas. Ainda mais: a obscuridade do Brasil hoje precisa de uma reação punk para os problemas que enfrentamos. Atualmente, defendo, não só o punk se configura como máquina de guerra, mas toda a cena underground tem buscado fazer do terceiro mundo um espaço para as minorias, com as minorias. O legado da primeira geração de punks, “faça você mesmo”, ainda ecoa nas periferias do mundo todo.

202

Submissão: 23. 06. 2023 / Aceite: 30. 07. 2023